

Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS – 25 a 28/11/2013

15043 - A (re) organização espacial da Comunidade Tradicional de Antônio Maria Coelho, Corumbá/MS

The spatial (re) organization of Traditional Community by Antônio Maria Coelho, Corumbá / MS

FONSECA, Tayrine Pinho de Lima¹; REIS, Rosaina Cuiabano²; ZANELLA, Mayara Santana³; GHARIB, Nágela Faisal Samih⁴; ARRUDA, Edmar Sebastião⁵; CURADO, Fernando Fleury⁶; FEIDEN, Alberto⁷; BORSATO, Aurélio Vinicius⁸

1 UFMS-CPAN e Embrapa Pantanal, (tayrine.fonseca@hotmail.com) ; 2 UFMS-CPAN e Embrapa Pantanal (rosainareis@hotmail.com); 3 UFMS-CPAN e Embrapa Pantanal (may_tate@hotmail.com); 4 UFMS-CPAN e Embrapa Pantanal (nagela_garib@hotmail.com.br) 5 UFMS-CPAN e Embrapa Pantanal (ed.mar.07@hotmail.com); 6 Embrapa Tabuleiros Costeiros (fernando.curado@embrapa.br); 7 Embrapa Pantanal (alberto.feiden@embrapa.br); 8 Embrapa Pantanal (aurelio.borsato@embrapa.br)

Resumo: O estudo tem como propósito a compreensão da (re) organização da comunidade tradicional de Antônio Maria Coelho (AMC), bem como do potencial de ampliação do extrativismo agroecológico da bocaíuva. Utilizou-se a metodologia de diagnóstico rural participativo com técnicas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. A comunidade possui características rurais, com as moradias parcialmente dispersas em grupos. Observam-se constantes mudanças na dinâmica socioespacial da comunidade de AMC. Estas mudanças estão relacionadas com a pressão econômica proporcionada pela instalação de empresas mineradoras na região, provocando alteração no espaço e a busca de novas formas de organização social.

Palavras-chave: reordenamento; dinâmica socioespacial; arranjo populacional.

Abstract: : The study has as purpose a understanding the (re) organization of traditional community by Antônio Maria Coelho (AMC) with a view to subsidize the potential of enlargement from extrativism agroecologic the bocaíuva. Being used the methodology to diagnosis participatory rural with observation techniques participant and semi-structured interviews The community has rural characteristics, with the housing partially dispersed in groups. Constant changes are observed in the dynamics of socio-community AMC. These changes are related to the economic pressure provided by the installation of mining companies in the region, causing changes in space and the search for new forms of social organization..

Keywords: reordering; dynamics socioespacial; arrangement populacional.

Introdução

A criação do espaço é decorrente da transformação da paisagem, visto que essa dinâmica só é possível com a atuação humana e seus elementos. Para a produção do espaço é necessário que ocorra a animação das formas espaciais, atribuindo-lhes conteúdo, vida (Santos, 2006), já que a relação homem x natureza gera variados arranjos espaciais, refletindo a ação humana sobre o meio.

De acordo com Corrêa (2003), “a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história”. As pessoas ao elaborarem sua história, a partir da dominação e do controle do meio natural, se (re)organizam no espaço de acordo com suas necessidades. Assim, a organização espacial refletirá a identidade cultural do grupo que a criou (CORRÊA, 2003).

A Comunidade Tradicional de Antônio Maria Coelho (AMC) compreendida nas coordenadas geográficas 19°19'2.39"S e 57°35'37.12"O, está localizada às margens da BR-262, distando 45 km da área urbana de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Tem sua organização socioespacial afetada fortemente pelo fator econômico, em especial, a instalação de uma siderúrgica e da concentração e ampliação de empresas de mineração que, nos últimos anos, alteraram profundamente a identidade da comunidade. Segundo Campolin et al. (2009), a situação fundiária de AMC, tinha configuração muito confusa, contudo nos anos de 1970 houve o arranjo espacial para a primeira mineradora na localidade. Já em 2007 ocorre a instalação da siderurgia com a intercessão do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul que realizou oficialmente o procedimento de doação de terras para empresa proporcionando a remoção dos moradores.

O arranjo populacional da comunidade é constituído por 47 famílias com a predominância de jovens do gênero masculino. A comunidade é dotada de característica diferenciada e peculiar por reunir uma população que detém um vasto conhecimento tradicional sobre o aproveitamento da bocaiúva, palmeira nativa cujo fruto é coletado para a produção de uma farinha artesanal, produto típico local.

A paisagem da comunidade é constituída pela Morraria Santa Cruz que possui teores de minerais como o ferro (50% a 60%) e manganês (42% a 48%) (Brasil, 1997), bastante apreciados pelas indústrias estrangeiras. É atravessada pelo Córrego Piraputangas, que dispõe de água de boa qualidade, mas que vem sendo impactado fortemente pela atividade mineradora.

Assim, o propósito do presente trabalho é compreender a organização e reorganização espacial da comunidade AMC, em função dos impactos sofridos nos últimos anos, assim como, o potencial de ampliação do extrativismo da bocaiúva em bases ecológicas.

Metodologia

O estudo foi baseado em princípios qualitativos, especificamente a partir do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), baseado nas técnicas de Verdejo (2010), ou seja, com a realização de reuniões, estabelecendo-se espaços coletivos de discussão e reflexão sobre a realidade, além da observação participante e de entrevistas semi-estruturadas com representantes dos grupos de moradores da comunidade.

Foram realizadas reuniões na comunidade nos meses de janeiro a julho de 2013, sempre na sede da Associação de Moradores de Antonio Maria Coelho com o apoio da presidente da associação e da agente de saúde. As reuniões tiveram como intuito analisar as principais dificuldades na coleta de bocaiúva e seus derivados em relação a sua organização e reorganização espacial.

A observação participante tem o intuito de compreender a percepção da realidade da comunidade (VERDEJO, 2010). A busca pelo conhecimento sócio-espacial da comunidade possibilitou assegurar laços de confiabilidade, como também compreender o cotidiano local. As entrevistas semi-estruturadas e os cursos foram realizados no período vespertino, devido a maior disponibilidade dos moradores.

As entrevistas semi-estruturadas foram elaboradas com propósito de promover um ambiente favorável ao diálogo (Verdejo, 2010) essencial para obter acesso às informações sobre a história da comunidade, assim como sobre a origem e trajetória das famílias, a paisagem local e, principalmente, sobre o conhecimento tradicional associado ao aproveitamento da bocaiúva. Nas entrevistas constaram questões abertas e fechadas e sua duração variava de acordo com as informações prestadas pelos moradores. Foram entrevistados 35 famílias com o percentual 75% de participação dos moradores locais.

Resultados e discussões

Com base nas informações obtidas a partir das entrevistas, a comunidade originou-se no final do século XIX. As lápides encontradas no cemitério local comprovam este fato. Os primórdios desta comunidade, segundo relatos locais, são atribuídos aos anos 50 do século passado, sendo inicialmente constituída por trabalhadores que prestavam serviços em fazendas locais, em sua maioria peões e capatazes. Já o desenvolvimento demográfico é advindo da instalação da empresa Rede Ferroviária S/A – Noroeste do Brasil e, atualmente, sua expansão é decorrente da intensiva atuação mineradora e siderúrgica na localidade.

A partir daí, a atual dinâmica de povoamento proporcionou a reorganização do espaço rural da comunidade que adquiriu características de espaço parcialmente disperso, com apenas um grupo relativamente concentrado, o grupo de moradores dos arredores da igreja evangélica denominando Recanto dos Evangélicos (Figura 1). Já a dispersão do restante dos moradores é decorrente da relativa distância entre as propriedades privadas que na maioria das vezes são determinadas pelo sítio geográfico.



FIGURA 1 – Vista aérea do limite do Recanto dos Evangélicos, onde reside a maioria dos moradores da Comunidade de Antonio Maria Coelho (AMC).

Fonte: Google Earth.

A produção da comunidade AMC transcorreu com a apropriação do espaço. No início da apropriação da área pelos moradores a organização sócio-espacial mostrava-se diferente da dinâmica atual. Antigamente o povoado possuía características rurais alteradas devido à inserção das empresas mineradoras na localidade. Assim, o povoado adquiriu novas dinâmicas sociais com a maior presença de trabalhadores assalariados contratados pelas mineradoras locais.

Assim, as mudanças ocorridas na comunidade foram atribuídas pelos moradores como consequência do desenvolvimento do pólo industrial na localidade, propiciando a ampliação da atividade das mineradoras e a expansão da empresa siderúrgica, resultando na expulsão de aproximadamente 10 (dez) famílias, além da limitação do acesso a algumas áreas de ocorrência da bocaiúva.

A reorganização social transcorreu rapidamente, visto que as famílias removidas em sua maioria migraram para a cidade de Corumbá. Entretanto, 4 (quatro) famílias, por possuírem relações de parentesco na comunidade, decidiram permanecer no local, estabelecendo-se como grupo de resistência no Recanto dos Evangélicos, retomando o adensamento populacional na comunidade.

A atuação das mineradoras e siderúrgicas na transformação do espaço tornou-se mais significativa para a comunidade e o meio a partir da remoção dos moradores localizados na “parte da frente” - denominação dada pela comunidade, às margens do Córrego Piraputangas. Isto ocorreu provavelmente devido a forte pressão sobre as áreas não eram legalizadas.

As características da organização socioespacial da “parte da frente” da comunidade era representada por instituição de ordem religiosa a qual desenvolvia os retiros evangélicos (Figura 2). Atualmente com a reorganização espacial configura a área como depósito de minério para embarque ferroviário (Figura 3).



FIGURA 2 - Instituição de ordem religiosa FIGURA 3 - Pátio de depósito de minério
Fonte: acervo dos autores

Os relatos dos moradores evidenciaram as transformações sócio-físicas do local. Logo após o procedimento de indenização de parte dos moradores, a siderúrgica e as mineradoras iniciaram a demolição das casas no intuito de não se favorecer a reapropriação das moradias. A siderúrgica providenciou o imediato cercamento das áreas ocupadas, enquanto que as mineradoras transformaram as áreas em pátio para depósito de minério.

Nas entrevistas foram destacadas outras ações impactantes ocasionadas pelas mineradoras, destacando-se o forte impacto sobre os cursos d'água que abasteciam as comunidades, e que secaram, em função da utilização industrial, deixando os moradores sem acesso a este recurso. Mais recentemente, diante a intermediação do Ministério Público Estadual e Federal, as empresas foram obrigadas a promover o abastecimento d'água a partir de carros pipa. Os acordos estabelecidos com o Ministério Público, no entanto, são reiteradamente descumpridos, segundo relato

dos moradores. Além disso, mostraram-se recorrentes os problemas relacionados como as poluições do ar e sonora. Assim, o aumento gradativo das doenças respiratórias tem sido referenciado como uma das consequências danosas da atividade siderúrgica, acentuada pela circulação da frota automotiva diariamente.

Os relatos dos moradores também demonstraram que as empresas mineradoras utilizam estratégias de pressão para forçar o reordenamento populacional, principalmente com os moradores das residências da ferrovia que convivem com perturbações auditivas durante todos os dias, principalmente no período noturno, causando distúrbios de sono nestes moradores.

Outro fator significativo que atinge a comunidade é a indiferença das instituições públicas em relação aos serviços de utilidades públicas de uso comum como o posto de saúde e a escola, ambos em estado de calamidade, conforme o resultado levantado pelos moradores durante as entrevistas. Por diversas vezes as empresas pressionaram o fechamento destes serviços públicos. Contudo, tal movimentação não encontrou sucesso diante da atuação do grupo de resistência. Atualmente tais atividades públicas passam por dificuldades como falta de água, ausência da coleta de resíduos sólidos e constantes ruídos, já que se localizam na rota de circulação automotiva.

Conclusões

A organização espacial da comunidade AMC vem sofrendo fortes transformações ao longo do tempo. Percebe-se que a pressão econômica sobre o meio natural afeta diretamente toda a comunidade. A partir das ações impactantes na comunidade, novos arranjos espaciais foram constituídos promovendo a concentração dos moradores em uma área de menor dimensão.

Agradecimentos

Ao projeto Macroprograma 2 BOCPAN, pela concessão da bolsa e demais recursos disponibilizados. A Embrapa Pantanal pela oportunidade de realizar esse trabalho. Em especial aos moradores da comunidade tradicional de Antônio Maria Coelho pela concessão das entrevistas e pesquisa de campo.

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (Brasília, DF). Plano de conservação da Bacia do Alto Paraguai (Pantanal) – PCBAP: diagnóstico dos meios físicos e biótico – meio físico. 1997.

CAMPOLIN, A. I.; JORGE, M. H. A.; SALIS, S. M. de.; FEIDEN, A.; LISITA, F. O.; CURADO, F. F.; BORTOLOTTI, I. M.; COSTA, M. S. Sistemas de produção identificados na comunidade tradicional de Antonio Maria Coelho, Corumbá, MS. - Dados eletrônicos. - Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009.

GOOGLE EARTH – Mapas. <http://mapas.google.com>. Consulta realizada em: 24.07.2013.

CORRÊA, R. L. Organização espacial. In: _____. Região e organização espacial. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 51 – 84.

SANTOS, M. 1926-2001. A natureza do Espaço: Técnicas e tempo, Razão e Emoção. 4º Ed. 2 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico Rural Participativo: Guia Prático DRP. Brasília:MDA/ Secretaria de Agricultura Familiar, 2006. 62p.